

Perspectiva generativa em terapia: de momentos generativos a uma pragmática reflexiva¹

Dora Fried Schnitman²

Introdução

Este capítulo apresenta a perspectiva generativa em terapia que incorpora a criatividade e a capacidade de inovar como recursos para promover transformações mediante processos dialógicos generativos. Examinará como um diálogo generativo permite aos participantes, profissionais e clientes, criarem conjuntamente recursos e novas possibilidades para abordar problemas, crises e desafios. Quando um processo generativo tem lugar, tanto as pessoas como suas relações se transformam e emerge um futuro viável e sustentável. Assim abordamos o diálogo na terapia como um processo criativo generativo.

Como construímos um processo generativo? Utilizamos o conceito de diálogo generativo para nos referirmos a criação gradual de inovações que tem lugar nas relações humanas. A chave para este processo é o discernimento dos momentos generativos do diálogo nos quais se podem reconhecer variações, diferenças, momentos sutis e emergentes e expandi-los para criar novos significados e ações através de uma relação recíproca e responsiva entre os participantes.

Constitui assim um núcleo alternativo e inovador, capaz de desenvolver-se e gerar um contexto privilegiado para a interpretação, a compreensão e as ações dos participantes. A pergunta é: como tais momentos foram, são ou podem ser gerados? Que tipo de coordenação dialógica e relacional favorece a inserção, consolidação e expansão do novo? Como estas inovações configuram um contexto que mantém vivas as possibilidades e permite aos participantes a realização de transformações? (Fried-Schnitman, 1998, 2008, 2011, 2015, 2016; Fried-Schnitman & Schnitman, 2000a). Que

¹ Agradeço especialmente à Dra Cristina Ruffino pela versão em português deste artigo, sua dedicação e cuidado com o texto, assim como suas valiosas contribuições.

² **Dora Fried Schnitman, PhD**, é fundadora e diretora da Fundação Interfas, espaço de ideias e inovação e centro educacional de pós-graduação em Buenos Aires, Argentina. Associada ao Instituto Taos. É fundadora e diretora do programa internacional de pós-graduação em Perspectiva Generativa e Prática Profissional da Fundação Interfas em colaboração com o Instituto Taos e o CINDE-Universidade de Manizales. Nos últimos vinte e cinco anos ela desenvolveu e ensinou a perspectiva generativa aplicada a uma série de disciplinas e práticas (terapia, conflito, crises, guerra e trabalho pela paz, organização comunitária e outras) em diferentes países. Lecionou em muitos programas de pós-graduação em universidades e institutos na América Latina, EUA e Europa. Publicou nove livros, incluindo *Nuevos paradigmas, cultura e subjetividade* [*New paradigms, culture and subjectivity*] (Paidós, 1994; em português Artes Médicas, 1996, WorlShare Books, 2014), *Nuevos paradigmas en la resolución de conflictos: perspectivas e prácticas* [*New paradigms in conflict resolution: perspectives and practices*] (Granica, 2000), *New Paradigms, Culture and Subjectivity* (Hampton Press, 2002; WorldShare Books, 2014), *Diálogos para la transformación, Vols. 1, 2 e 3* [*Dialogues for transformation, Vols. 1, 2 and 3*] (WorldShare Books, 2015-2017), e mais de cento e trinta artigos e capítulos de livros em cinco idiomas.

recursos conceituais e operativos necessita um profissional para incorporar esta perspectiva à sua prática?

Para construir e acessar futuros como parte da mudança, precisamos agir sobre o presente. As possibilidades criadas nos diálogos generativos tornam-se realidades virtuais que, uma vez criadas, podem materializar-se se forem sustentadas por processos generativos. Tais processos contribuem para ações que conduzem a alternativas existenciais, realidades e formas de vidas novas e diversas. Os processos generativos nos reorientam, assim, a uma ecologia da criação.

A atenção plena e a presença plena são inerentes a este processo dialógico e expandem a capacidade, tanto do profissional como dos clientes, de discernir e reconhecer múltiplos registros. Estas capacidades acompanham a criatividade e são elas que mantêm o curso do exercício generativo no processo (Fried-Schnitman, 2020a-b, 2021; McNamee, 2015a-b; Morales, 2020, 2021).

Epistemologia da criatividade

A perspectiva generativa entende as relações como um campo generativo em que podemos reconhecer momentos emergentes que dão lugar a possibilidades inovadoras e novas ecologias relacionais (Fried Schnitman, 2002b, 2010b, Gergen, 2002).

A perspectiva generativa se apoia no construcionismo relacional e no dialogismo, que entende as coordenações relacionais como processos formativos, criativos e transformativos, nos quais nossos mundos sociais e nós mesmos criamos e somos criados em padrões de interações sociais. Também trabalha com premissas epistemológicas que incorporam a criatividade e as transformações mediante dinâmicas não lineares e complexas das relações interpessoais sustentadas nos novos paradigmas (von Foerster, 1984, 1996; Fried-Schnitman, 1996; Fried-Schnitman & Schnitman, 2000; Guattari, 1996a-b; Morin, 1996; Prigogine, 1984, 1996). Tais premissas permitem incorporar a teoria e a prática generativa da construção relacional conjunta de significados, perspectivas e ações inovadoras. Entende que a complexidade e a multidimensionalidade das pessoas, suas relações e circunstâncias nutrem a criatividade e promovem processos emergentes, a possibilidade e a inovação. Os processos de auto-eco-organização permitem que as transformações que têm lugar nas pessoas, nas relações e circunstâncias sejam registradas pelos participantes, se estabeleçam e dêem lugar a novas formas de vida, aprendizagens e saberes locais e emergentes.

Estas premissas provém do dialogismo proposto por Mikhail Bakhtin (1981, 1986; Morson & Emerson, 1990), das contribuições fundacionais de Bateson (1972, 1979, 1991), do socio-construcionismo (Gergen, 1994, 2009; Shotter, 1993) e dos novos paradigmas, já mencionados.

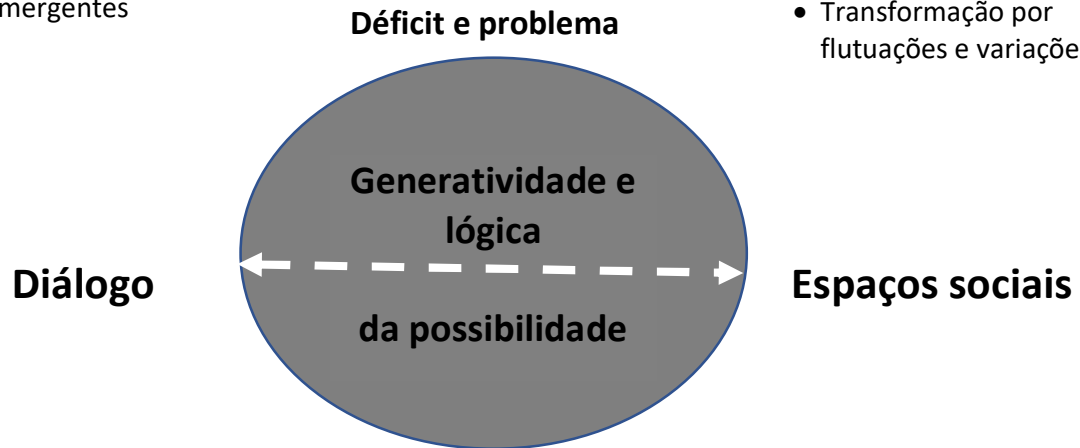
Podemos representa-lo no seguinte diagrama:

ESPAÇO SOCIAL:

- Dialogismo
- Construção social
- Ação conjunta
- Ser relacional
- Identidades emergentes

NOVOS PARADIGMAS:

- Complexidade
- Multidimensionalidade
- Dinâmica complexa não linear
- Auto-eco-organização
- Transformação por flutuações e variações



Processos generativos emergentes, complexidade, criatividade e inovação, transformação e reflexividade.

Diálogo e criatividade

O construcionismo entende a comunicação e a coordenação relacional social como processos formativos, criativos, nos quais nossos mundos sociais e nós mesmos criamos e somos criados em padrões de interações sociais. O construcionismo enfatiza como nós, juntos, como interlocutores uns com os outros, participamos na criação de nosso mundo social, nossas coordenações, valores e crenças. Quer dizer, dos eventos, situações e perspectivas nas quais nos encontramos, e também, como as compreendemos e agimos frente a elas.

A perspectiva generativa trabalha esta dimensão do construcionismo incorporando as contribuições do dialogismo.

Bakhtin propõe uma concepção de diálogo que permite considerar a criatividade dos processos relacionais: entende o diálogo como uma relação generativa entre pessoas. Aponta que a criatividade tem lugar na relação, no espaço entre as pessoas. Em seus trabalhos iniciais, já se refere as relações dialógicas como uma comunicação

interpessoal, verbal-corporificada e criativa. Salienta que em um diálogo os participantes criam juntos novos significados. Um diálogo sempre excede a linguagem, é relacional, e os novos significados tomam forma quando as pessoas se dirigem e respondem umas às outras, em suas respostas recíprocas.

As pessoas participam e constroem suas relações no aqui e agora do diálogo com outros. O outro, o contexto e o momento são parte das elocuições – o que é expresso no diálogo – e as elocuições são parte deste processo dialógico. Os participantes, o momento, as situações específicas, são elementos constitutivos das elocuições no presente. Em síntese, toda elocução é singular, construída pelos participantes em uma relação, um momento e um contexto específico no curso de um processo dialógico.

Bakhtin entende que as pessoas se expressam e se escutam ativamente, toda expressão tem uma intenção no diálogo. Quem escuta não só registra o dito, mas também prepara suas respostas. Enquanto escutam, também percebem o que ou a quem é dirigido o que é dito, o relacionam com sua própria trama de interesses e pressupostos, imaginam como responderiam a momentos futuros no diálogo, que tipo de respostas poderia suscitar; o avaliam e intuem como poderia ser compreendido pelos outros, sempre na singularidade de um processo e seu contexto.

Quando as pessoas estão em diálogo, não só se expressam através do conteúdo, também o fazem mediante o tom de voz, os gestos, a maneira particular em que algo se formula (perguntas, hipóteses, convites, afirmações), o contexto (a qualidade do espaço social), etc. Este é um processo de expressão-compreensão relacional dos participantes atento, responsivo, em sintonia, corporizado e em múltiplos registros. Quem participa são então coautores das elocuições e do diálogo mesmo.

Bakhtin propõe que um diálogo é sempre *multidimensional e complexo, sempre em processo, sempre incompleto*. Em um diálogo confluem múltiplas vozes e outros diálogos, já que incorpora significados individuais, relacionais, contextuais e sociais; inclui o expressado em diversos níveis e, em consequência, há uma dinâmica não linear interna ao diálogo, entre múltiplos diálogos, com forças que podem ser centrípetas ou centrífugas. A perspectiva generativa entende que esta diversidade pode estar ao serviço de processos criativos.

Perspectiva generativa: processos generativos emergentes em terapia.

Apoiando-se na compreensão bakhtiniana do diálogo, a perspectiva generativa incorpora a ideia de que um diálogo se torna generativo no encontro entre profissionais e clientes, e inclui o profissional como participante ativo e criativo no campo relacional. O profissional generativo encontra o cliente no momento interativo e participa com presença e atenção plena, está atento as respostas do cliente, mas também a si mesmo e na relação recíproca. Em um diálogo criativo e aberto, sempre em contexto. Também está atento à diversidade do diálogo mesmo, ao dito e ao não dito verbalmente, mas presente, ao emergente no diálogo.

O profissional que trabalha com uma perspectiva generativa se concentra no registro dos processos criativos emergentes que ocorrem no diálogo e entre diálogos, e a capacidade de criar e inovar dos participantes em suas relações (Fried-Schnitman, 2008, 2011, 2013, 2015, 2016, 2017, 2020a-b 2021; Morales et al., 2015).

Desde esta perspectiva e com uma abertura ao novo, ao inesperado, o diálogo mesmo é um evento emergente, os processos generativos reorientam aos participantes a uma ecologia da criatividade nas relações.

Os diálogos e as confluências no diálogo em terapia são também processos formativos e transformativos de ou para as pessoas, suas relações e suas circunstâncias. Nas conversações generativas as pessoas se envolvem em trocas com o profissional, envolvendo ideias, reflexões, perspectivas e sentimentos. No encontro entre profissionais e clientes, o profissional se inclui atento à singularidade do diálogo com cada cliente, à especificidade da consulta, aos problemas, sofrimentos, expectativas e esperanças que os clientes trazem. Está atento e cuidadoso, tanto às respostas e iniciativas do cliente, como às implicações da sua própria participação na relação, para trabalhar na construção de uma relação dialógica, criativa e construtiva que gere novos recursos e possibilidades que favoreçam a inovação. Sua participação deve ser estética – em consonância com a idiosincrasia do cliente – e ética – em resposta às suas necessidades e exigências (McNamee & Gergen, 1998). Com a sua presença plena, o profissional está atento, responsivo, consciente das respostas do cliente para trabalhar na construção de uma relação dialógica, construtiva, criativa e produtiva que possibilite essas transformações. Discernimento e criatividade favorecem-se reciprocamente, e a perspectiva generativa prioriza o reconhecimento de oportunidades emergentes, únicas para cada processo. Quando momentos geradores são discernidos, os novos recursos e oportunidades dos clientes são úteis para desenvolver possibilidades alternativas e aprendizagens (Fried Schnitman, 2020a-b; Morales, 2020, 2021).

A perspectiva generativa prioriza o reconhecimento de oportunidades emergentes e inovações significativas, singulares e únicas em cada processo. O discernimento de momentos generativos permite aos clientes reconhecer novos recursos e oportunidades úteis para desenvolver alternativas, promove novas narrativas e aprendizagens para as pessoas; chamamos isso de processo generativo emergente. Nesse processo, profissionais e clientes trabalham juntos ativamente para explorar as situações que estão tentando transformar.

Uma vez que o diálogo pode produzir possibilidades inesperadas, os participantes se tornam mais criativos e proativos, utilizando suas próprias indagações e reflexões para enriquecer a compreensão e a ação à medida que ocorrem. Nesse sentido, os participantes tornam-se autores criativos de cada processo singular, enfocando as situações específicas que gerem novas situações como plataformas de ação. A capacidade generativa do diálogo permite que emergam possibilidades não previstas, transforma potencialidades em novas realidades existenciais e proporciona a experiência de abertura ilimitada à aprendizagem e à criatividade.

A perspectiva postula que profissionais e clientes inovem em conjunto e criem alternativas em seus diálogos. Um processo generativo se move, assim, desde os momentos sutis em que o novo emerge para circuitos e processos que envolvem sua implementação em novas formas de viver. Consideramos o diálogo generativo uma investigação prospectiva que constrói futuros, e o desdobramento de um processo generativo e sua implementação como um pragmatismo criativo voltado para a criação de recursos e possibilidades no presente para construir futuros inovadores diante das dificuldades e esperanças expressas na consulta. Esse pragmatismo é reflexivo na medida em que os participantes podem reconhecer e rever suas transformações e saberes novos.

Profissionais e clientes: trabalhando generativamente

Esta sessão apresenta e ilustra alguns recursos operativos básicos dos processos generativos que permitem reconhecer oportunidades para inovar, iniciar e promover transformações em terapia e outros processos relacionais³.

Como assinalamos na sessão anterior, chamamos processo generativo em terapia a construção gradual – entre clientes e profissionais – de inovações, novos recursos e possibilidades frente aos desafios, conflitos e crises que trazem os clientes. Os recursos e possibilidades se criam nos diálogos e na confluência dialógica generativa no tempo. À medida que se desdobra o processo generativo, a representação de novos significados e novas ações promove alternativas para os clientes que podem conduzir a transformações significativas para si, suas relações e circunstâncias de vida.

O profissional necessita criar as condições para estabelecer uma relação dialógica inclusiva, respeitosa e criativa. Como veremos no exemplo do início de um processo generativo.

María Soledad Aguirre Vasquez, psicóloga peruana com extensa formação, cursou o Diplomado em Perspectiva e Prática Profissional Generativa 2019-2020, nos apresentou este exemplo de sua prática privada.

Chegam para a consulta dois irmãos – Pablo (32) e Santiago (24) – com seu pai. P, quem leva o irmão caçula à consulta, pede para entrar primeiro e expõe para à terapeuta as situações geradas por seu irmão que envolvem a família: mentiras e roubos dentro de casa que os fazem pensar em um problema de consumo de drogas. Se refere ao irmão de forma negativa enfatizando os problemas.

A terapeuta escuta os problemas e lhe pergunta o que o levou a consultar em nome de seu irmão caçula. *[A terapeuta é ativa, reconhece a importância de sua iniciativa e sua gestão da consulta. Responde reconhecendo outros aspectos implícitos expressados pelo irmão com sua presença e iniciativa, mas não expressos verbalmente. Este é um momento emergente iniciado pela terapeuta.]*

³ A perspectiva e a prática generativa têm sido utilizadas em múltiplas áreas e contextos por profissionais de diversos países.

P responde à T validando seu comentário, que S era uma boa pessoa, perseverante e com iniciativas, teme que o irmão deixe de ser quem ele conhece e venha a perdê-lo [*Momento generativo.*]

[O irmão mais velho se inclui ativamente no relato. A narrativa passa de terceira para primeira pessoa, transparecendo afeto e preocupação. Transforma seu relato em uma genuína preocupação. Estabelece-se um diálogo: uma relação responsiva, de confiança, e começa a construir-se um vínculo. O propósito e o projeto da consulta se transformam.]

Inicia-se a entrevista com os dois irmãos e o pai. A terapeuta resume brevemente o conversado com P incluindo o afeto e a preocupação por seu irmão, e a maneira que o descreveu: como uma boa pessoa, com iniciativa, perseverança e boas intenções, desde um olhar afetuoso e preocupado, focando nos recursos do seu irmão, construídos em conjunto entre P e T na entrevista prévia. [*Momento emergente.*]. S. olha para P com surpresa e satisfação e tem lugar uma situação de encontro entre os irmãos. [*Momento generativo em que se estabelece um diálogo que inclui a todos os participantes; se expande o vínculo, há confiança e se constrói as bases para um processo generativo.*]

Quando se vão, os três participantes concordam que a conversação foi muito nova, diferente das que eles costumavam ter e desejam voltar a encontrar-se. [*Começa a construir-se uma plataforma de trabalho.*]

Durante a construção conjunta de recursos e possibilidades no diálogo, o profissional precisa ficar atento aos clientes, a si mesmo e ao processo. Registra como respondem os clientes – o que validam –, mas também registra suas próprias respostas a estas expressões dos clientes – quando e como o profissional valida o cliente. Tanto o profissional quanto os clientes não só necessitam reconhecer os recursos e possibilidades, mas também validar o rumo tomado durante o processo terapêutico: convergir. O cliente pode expressar sua validação de diferentes maneiras (narrativas, gestos, comentários, reflexões, ações, linguagem corporal). O profissional monitora o curso do processo – o que o enriquece, o que o bloqueia, o que o diversifica. Quando esta modalidade de ação conjunta se instala, favorece a reiteração de novas criações emergentes e colaborativas no diálogo. Com esta confluência se entrelaçam perspectivas e propósitos vinculados com o projeto de trabalho conjunto. Ambos, clientes e profissionais, são participantes ativos no processo generativo emergente.

O profissional generativo reconhece o contexto da consulta, o problema e o pedido, as esperanças, as expectativas e o que é expresso pelo cliente e responde atendendo a idiosincrasia do cliente e a singularidade da consulta.

Os processos generativos se constroem relacionalmente com participação e coordenação dos envolvidos. Os profissionais necessitam estar muito atentos às possibilidades, às respostas dos clientes, às transformações dos clientes e às suas próprias; da mesma forma, estar atentos aos momentos de criatividade em que se permite questionar histórias dominantes, reafirmar recursos e capacidades e criar novas possibilidades para a transformação.

O profissional estabelece um diálogo interessado, respeitoso e inclusivo com os clientes. Permanece atento a especificidade do contexto e aos problemas, as expectativas e as esperanças que as pessoas trazem para a consulta, e a suas circunstâncias de vida. Participa ativamente com presença plena, consciência ampliada, em múltiplos registros que incluem desde o cognitivo ao emocional, de maneira mente-coração (Nhat-Hanh, 2020).

Constrói uma relação dialógica, responsiva, criativa e produtiva que proporciona às pessoas sentirem-se compreendidas, reconhecidas e apreciadas. Registra o reconhecimento relacional recíproco no estabelecimento e avanço do diálogo. Escuta, observa, registra, compreende, se expressa e responde. Atende à especificidade das respostas dos clientes enquanto registra reflexivamente suas próprias respostas. Relaciona os múltiplos registros e saberes, próprios e os dos clientes. Observa como vinculam os participantes – clientes e profissional – os múltiplos registros.

Permanece curioso, interessado, reflexivo e expressivo. O diálogo é performativo, ativam-se diferentes experiências e recursos dos participantes e versões de si mesmos. Como afirmamos acima, o diálogo constrói seu próprio desenrolar no processo de estar em diálogo. Um diálogo se faz, se cria em ações dialógicas, faz seu caminho ao caminhar: caminha a palavra (Fried-Schnitman, 2020b, 2021).

No início do processo é particularmente importante que o profissional possa registrar, compreender e construir a partir das necessidades e expectativas expressadas – implícita e explicitamente – pelos clientes em diálogo. E que estabeleça uma relação dialógica e um vínculo de confiança.

Nunca o faz exclusivamente de sua perspectiva, sempre inclui a resposta dos clientes. Não é um diagnóstico ou um manual de procedimentos que não inclua os clientes.

Processo de trabalho com os diálogos e as narrativas: complexidade, discernimento e criatividade

Vivemos imersos em uma *multiplicidade contextual de diálogos*, mesmo o profissional estando atento, nem todos os instantes oferecem possibilidades generativas no momento específico e para a situação sobre a qual se trabalha. Interessam aqueles diálogos que o profissional e os clientes registram com potencial generativo, quer dizer que oferecem oportunidades relacionadas com o tema e o problema que os ocupa. Ao mesmo tempo, estão atentos aos enlaces e sínteses criativas no diálogo e com outros diálogos.

Nas relações entre diálogos também há uma *multiplicidade temporal* que incorpora, neste caso, as relações temporais entre diálogos. Todo diálogo presente está vinculado a diálogos passados, reciclando-os e incorporando-os ao diálogo presente. Também podem vincular-se com possibilidades futuras que atuam sobre o presente. A diversidade de experiências vividas no passado e as expectativas do futuro, incorporam outros cenários, o falado em diferentes momentos, as respostas – tanto as do passado

como as antecipadas do futuro – que podem influir de diferentes maneiras sobre a situação em curso. Em qualquer trama da conversação é possível responder a ações prévias ou futuras e estas podem ser reafirmadas, redefinidas ou modificadas em seu significado.

Os diálogos e as ações dos participantes se entrecruzam com novos significados sempre em movimento. Clientes e profissionais participam e são – entre outras coisas – tecelões e moduladores de diálogos e contextos, e podem orientar-se criativamente neste jogo multidimensional; também podem propor sínteses, integrações ou distinções novas entre diálogos e contextos diversos.

No curso de um diálogo generativo, o cliente incorpora temas, possibilidades e maneiras novas de participar, compreender e narrar que configuram reorganizações ou inovações de si mesmo, suas relações e suas circunstâncias. As transformações que surgem no processo se entrelaçam com novos nós de recursos e possibilidades, sínteses novas de temas diversos, assim como guias que traçam caminhos alternativos que podem transformar os motivos que inicialmente conduziram a consulta. Esta dinâmica promove maneiras novas de narrar e narrar-se que surgem e se expressam no decorrer do processo; o profissional a registra, pode questionar e pode incorporá-la. Não é o profissional quem as propõem, surgem no diálogo e nas confluências dialógicas; profissionais e clientes as criam nos seus diálogos. O profissional também pode introduzir reflexões e comentários inovadores relacionados com os temas em conversa. As respostas dos clientes os validarão ou não como pertinentes.

Quando os participantes reconhecem e incorporam as transformações que registram como tal, a reflexão sobre estas transformações dá lugar a uma aprendizagem generativa sobre seus recursos, suas possibilidades, suas transformações, a criação de novas circunstâncias para suas vidas e seus saberes emergentes.

Momentos, ciclos e matrizes generativas: trabalhando com a generatividade

Frequentemente, quando as pessoas expressam as razões pelas quais chegam em uma consulta, oferecem uma versão unidimensional e saturada do problema: apresentam um nó problemático que o profissional escuta e reconhece (figura 1). Ao mesmo tempo, reconhece o não dito, porém, expressado pelos clientes, assim como suas expectativas e esperanças implícitas e explícitas.

À medida que o processo avança, profissionais e clientes se deslocam do nó problemático inicial, explorando as instâncias do diálogo que oferecem recursos e possibilidades alternativas, permitindo às pessoas construir novas perspectivas sobre si mesmo, os outros, suas circunstâncias, relações e possibilidades. Essa trama adquire a forma de uma *rede com nós possibilitadores*, diferenciados e novos (figura 2) que, por sua vez, se interligam e sintetizam, incrementando a produtividade e a criatividade do processo. Na confluência do diálogo, os clientes e o profissional constroem uma nova inteligibilidade compartilhada e inédita: significados e maneiras de compreender ou agir conjuntamente.

Os *momentos generativos* que dão lugar a estes nós possibilitadores são momentos emergentes, variações ou pequenos eventos que ocorrem no diálogo, e podem dar lugar a criação de novas perspectivas e possibilidades se são reconhecidos e validados pelo cliente. Quando estes momentos generativos se incorporam ao diálogo e a sua vida como articuladores de novas perspectivas e ações, possibilitam mudanças, podem expandir-se e se tornarem *nós inovadores e ciclos generativos*, fortalecendo oportunidades e aprendizagens.

Também é importante que o profissional reconheça e incorpore as iniciativas dos clientes que se convertem assim em novos recursos generativos.

As oportunidades para inovar também se apresentam a partir da recuperação, reciclagem ou expansão de recursos presentes nos contextos de vida do cliente. As iniciativas criativas dos clientes também tornam possíveis incorporar processos criativos e inovações que promovem recursos ou abrem possibilidades, é importante que sejam reconhecidos e registrados como tais pelos clientes. Podem iniciar-se em outros contextos significativos e serem trazidos ao diálogo como nós generativos.

Quando os ciclos generativos se expandem a diversas áreas da vida dos clientes e geram significados novos e produtivos, podem desenvolver uma matriz generativa. A matriz generativa é uma trama de significados que envolve perspectivas, valores, narrativas e ações novas que permitem transformações presentes e futuras das pessoas e suas relações, e promove futuros produtivos, possíveis e viáveis, em relação com a consulta (figura 3).

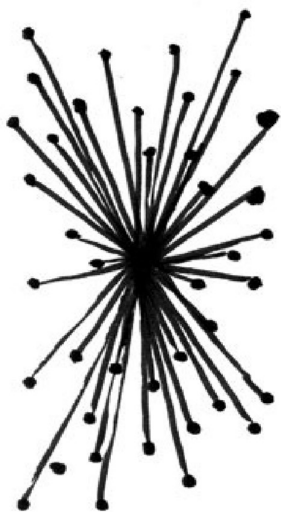


Figura 1.
Motivo da consulta.
Nó problemático saturado.

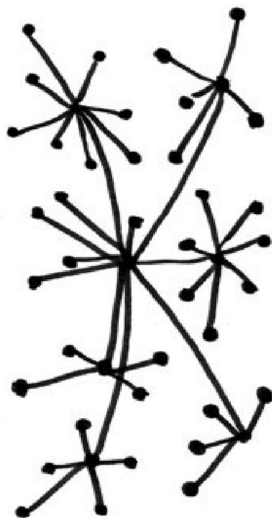


Figura 2
Processo em marcha.
Construção de uma rede
dialógica e narrativa de
nós e enlacs emergentes
que promovem
alternativas.

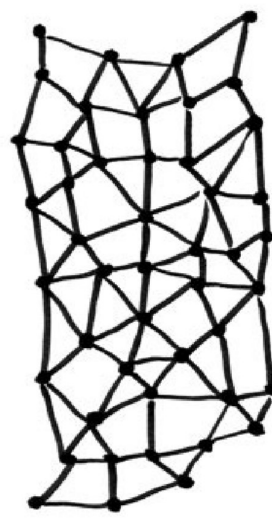


Figura 3.
Desenho de um futuro.
Nova trama dialógica e
narrativa e matriz
generativa que constrói
alternativas
transformadoras.

**Criação de um processo generativo: relação dialógica e plataforma de trabalho.
Construção da relação, da inteligibilidade compartilhada, do nós. Qual será o
domínio do nosso diálogo?**

A criação de um processo generativo está atravessada por uma diversidade de momentos e processos emergentes que se consolidam no diálogo entre os participantes.

As primeiras ações generativas entre profissionais e clientes focam na criação de uma relação dialógica que estabeleça o reconhecimento recíproco para firmar as bases de um trabalho conjunto: *promove confiança, valorização e reconhecimento*. Ou seja, o profissional e cada um dos clientes é reconhecido como participante relacional no diálogo e aceito como tal pelos outros.

Habitualmente nos referimos a este processo como *criação de um vínculo dialógico*. O início de um processo terapêutico é um momento emergente que se transformará em

generativo precisamente quando se estabelece um diálogo. Falar de um vínculo dialógico implica ingressar em uma tradição compartilhada na qual o cliente e profissionais incluem a si e ao(s) outro(s) como interlocutores, como *referentes dialógicos relacionais*; desta inclusão surge uma inteligibilidade compartilhada. Se cria um sentido de participação, de pertencimento, de nós.

Reconhecer-se como participante em um diálogo é um momento generativo que permite a profissionais e clientes sentirem-se escutados, com recursos e possibilidades. Os clientes incorporam no seu registro uma incipiente perspectiva de si mesmo, não só problemática ou deficitária, mas, sim, com uma percepção apreciativa e de confiança. Por sua vez, o profissional reconhece na aceitação da relação os momentos iniciais de um processo generativo. Neste contexto de criação conjunta de um vínculo se constroem também os momentos, ciclos e circuitos generativos que já descrevemos.

Plataforma de trabalho

À medida que há confluência no diálogo e a inteligibilidade entre clientes e profissionais surgem, vão direcionando o processo rumo a uma construção progressiva da *plataforma de trabalho*. Quando falamos de plataforma, nos referimos metaforicamente a uma convalidação sobre as questões que serão trabalhadas, criando assim uma direção para o processo. Na consulta, os participantes, em suas confluências no diálogo, especificam qual é o contexto da consulta, qual será o *domínio do diálogo*: sobre o que se trabalhará, qual é o projeto de trabalho conjunto, quais são os propósitos, quem serão os participantes, etc. Ou seja, no processo se vai criando um caminho que vincula os problemas, recursos e possibilidades que surgem e se vão criando, e que especifica o sentido de direção e pertencimento para o processo terapêutico generativo. À medida que o processo acontece, esse sentido de direção e pertencimento se vai efetivando como transformações específicas, reconhecidas como tais pelos clientes, que avançam até novas formas de vida. Esta direção consensuada do processo surge do processo mesmo, mediante as respostas recíprocas no diálogo; não responde a aplicação de um modelo ou uma estratégia prévia do profissional. Nasce no encontro dos participantes, na criatividade do diálogo e pode transformar-se.

Como dissemos, o diálogo incorpora como história e tradição as perspectivas e ações inovadoras que têm lugar nos momentos generativos do processo que são reconhecidas e validadas pelos clientes, e que se articulam em narrativas emergentes. Na medida que avança o processo, os novos momentos generativos aprofundam as possibilidades de transformações e as alternativas, cuja implementação conduzirá progressivamente à novas transformações que expandem o processo terapêutico e convalidam um sentido de direção, alternativas inovadoras e um futuro viável entrelaçado na trama.

Nos momentos de criação generativa de recursos e possibilidades, o reconhecimento dos mesmos vai configurando a trama destes acordos virtuais, tanto relacionais como de propósito e consolidando as transformações que têm ou tiveram lugar. Quando no processo generativo os clientes reconhecem reflexivamente suas transformações, vão constituindo uma nova versão de si mesmos, suas relações e circunstâncias; uma inteligibilidade compartilhada que, à medida que se implementa, promove um novo

desenho de sua forma de vida. A reflexão sobre estas transformações e as novas formas de vida sustentam a aprendizagem e os saberes emergentes dos clientes acerca de si mesmo, suas relações, recursos e possibilidades, assim como a transformação de suas circunstâncias. Estas dimensões transformativas, pragmáticas e reflexivas são uma parte integral de todo o processo.

Neste processo de ação conjunta é onde se constitui aquilo que é generativo e significativo para os participantes. O que se diz e o que foi dito previamente prefiguram as possibilidades de ação. Todo o dito pode ser retomado, retrabalhado e ressignificado em outros momentos do processo. No processo se criam recursos, possibilidades e formas de vida novas e viáveis.

Parte III – Ilustração do processo⁴

O exemplo seguinte ilustra micro diálogos e processos generativos tanto na formação como na terapia.

Do congelamento à generatividade

Diana Constanza Torres González – Mestre em Psicologia Clínica e de Família e professora universitária – apresentou este caso no Diplomado em Perspectiva e Prática Profissional Generativa, 2017-2018. Levou o caso porque se sentia paralisada e desejava refletir com o grupo sobre o que sucedeu e revisar seus próprios recursos e os do cliente. O grupo trabalha sobre a transcrição da primeira entrevista.

Primeira consulta: congelamento.

Terapeuta: O que te trouxe para a terapia?

N: (Olha para o piso por uns instantes, logo sorri timidamente). Eu gostaria de poder tirar da cabeça uma moça que conheci faz dois anos. Bem, é algo raro, pouco normal. A verdade é que só estive com ela uma vez quando sai com uns companheiros de classe e um deles a convidou, estávamos jogando boliche e ela me sorriu (seus olhos brilham neste momento), falou comigo, era linda. Logo, como um gesto de galanteio meu, a acompanhei até sua casa e pedi seu telefone. Ela respondeu favoravelmente e me deu, combinamos que eu a chamaria para sair e assim fiz. Quando a chamei ela me disse que não podia, finalmente combinamos que ela me chamaria e nunca o fez. Desde esse dia penso todos os dias o que teria passado se eu tivesse feito algo diferente, se tivesse insistido, não sei. Sei que soa mal, como um doente, um problema psiquiátrico, que mulher imaginando isso quereria estar comigo? É uma loucura, mas não posso evitar, choro constantemente por ela, penso nela, sonho com ela, enfim, (suspira), sei que tenho que tirá-la da cabeça, mas não consigo. [*Nó problemático.*]

La T expande o diálogo até outros aspectos da vida (estudos, trabalho, relações familiares etc.).

⁴ Em colaboração com Diana Constanza Torres González.

Atualmente, N não trabalha, é o caçula de três irmãos, se queixa que a superproteção da mãe o debilitou, parou de estudar faltando um semestre para graduar-se em desenho gráfico, tem poucos amigos, passa o tempo trancado em seu quarto chorando por tudo o que quer e que não tem conseguido. Na consulta expressa seu desejo de mudar. *[Expectativas e esperanças.]*

N. Eu sei que estou atrasado para minha idade, não tenho saído de casa e **necessito mudar, trabalhar, ganhar dinheiro, ter uma namorada**; outras pessoas na minha idade já conseguiram muitas coisas como por exemplo viajar para o exterior, comprar um carro etc. Eu não posso seguir assim. (Os olhos se enchem de lágrimas, abaixa a cabeça e aperta as mãos. É claro o seu sofrimento e mal estar, assim como o nó problemático em que se encontra.) *[Nó problemático, versão limitada de si mesmo e de suas possibilidades, esperanças e expectativas.]*

Na conversa da terapeuta com seus colegas de curso sobre este atendimento, acontece um diálogo generativo que aumenta seu discernimento e compreensão. Comenta com o grupo que o cliente parece paralisado. Ela não consegue encontrar recursos nele que lhe permitam avançar segundo suas expectativas; pede ajuda e tem esperanças de poder fazê-lo. Se sente presa porque quer ajuda-lo, mas neste momento não sabe e nem vê como fazer isso no tempo que N precisa. O grupo pergunta se N mencionou algum recurso ou se ela pode discernir algum já que ele expressa seu desejo de sair desta situação. Ressalta que N comentou que gosta de arte mangá (animação japonesa) mas ela subestimou essa informação porque não a reconheceu como recurso, relacionou sua situação infantilizada aos quadrinhos. O grupo se pergunta sobre a arte mangá e que possibilidades poderia emergir se esta fosse incorporada na conversação. Se a arte mangá fosse um recurso, talvez poderia convidá-lo a utilizar a arte para desenhar uma proposta para seu futuro em busca de aberturas. A terapeuta, que participou ativamente da conversação, considerou que talvez tenha subestimado o recurso e decide retomar e explorar a arte mangá de forma genuinamente interessada. Poucos no grupo conheciam a arte mangá, mas uma participante tinha uma filha artista que o praticava.

Um foco atento ao momento presente e não em conhecimentos prévios ou histórias dominantes, pode ajudar o profissional a escutar com um registro mais fino para reconhecer a singularidade do cliente, o registro de suas experiências e encontrar-se desde suas próprias circunstâncias.

Segunda consulta: Mudança. Se estabelece uma relação dialógica. Começa o processo generativo: momentos, circuitos e plataformas de trabalho.

T: Fale-me de sua arte, quero conhecer mais de mangá, me soa interessante (seu tom é interessado e convidativo, genuinamente interessada e responsiva). *[Inclui agora uma informação que havia subestimado, explorando se a arte mangá será um recurso que pode prover possibilidades. Se inicia uma sequencia que dará lugar a que se estabeleça uma relação dialógica e de reconhecimento de recursos em N que vão criando novas possibilidades.]*

N: Bom, a arte mangá (sua postura muda e se põe ereto) é como os quadrinhos. Amo isso e sei que sou muito bom, é que nunca parei, tenho feito muitas coisas e tenho me aperfeiçoado. [*Momento emergente.*]

T: Como se deu essa mudança de voz, de postura mais ereta (reproduz o movimento), enfim, de atitude quando fala da sua arte? [*A terapeuta registra a emoção, a mudança postural, o tom positivo e a continuidade do trabalho de N. Expressa seu reconhecimento e interesse. Momento generativo.*]

N: É? (Ele cora e sorri, se mostra muito contente.) Não havia me dado conta [*Momento generativo.*], é que gosto muito, **nesta parte eu fluo**. [*Responde validando positivamente a linha de trabalho e demonstra reconhecer as diferenças nele, emerge novos conhecimentos de si mesmo e de sua arte. Identidade e contextos emergentes. Estes momentos generativos se expandem até novos momentos e circuitos generativos quando N assinala que com a arte flui.*]

T: Você me disse que com sua arte flui e me dou conta que sim. De fato, estava pensando que atores e modelos em entrevistas dizem ser muito tímidos e alguém pensaria: mas, como? Atuam com perfeição e são muito bem sucedidos. Parece teu caso, o que me diz? [*A T explora a arte de N criativamente, descobrindo novos significados e reafirmando seus sentimentos. Emergem recursos pessoais e relacionais para além do fracasso, da solidão, e do isolamento. Os ciclos generativos começam a construir-se como nós possibilitadores. A T toma iniciativas, ressignifica a timidez e propõe uma tarefa, uma construção de futuro. Ressignifica suas emoções como timidez e resgata sua sensação emergente de fluidez. A partir destes momentos generativos se conformam progressivamente um conjunto de possibilidades cuja expansão até a construção de uma plataforma de trabalho vai tomando forma.*]

N: (Reconhece e responde à terapeuta como interlocutora consistente e aceita imediatamente muito entusiasmado). Sim, claro, tem razão. Quando estou com pessoas falando de minha arte ou apresentando-me, fluo muito, sou menos tímido e posso conhecer pessoas. [*Responde afirmativamente, reconhecendo-a como referência relacional. Se instala uma relação dialógica generativa. N é responsivo, reconhece recursos próprios e começa uma narrativa emergente sobre si mesmo. Ambos desenvolvem uma inteligibilidade compartilhada através destas convergências no diálogo.*]

T: O que pensa de fazer um mangá sobre sua vida, tal como gostaria que fosse? [*A T propõe uma linha temporal que se estende ao futuro, para além de suas dificuldades atuais. T explora a construção de uma plataforma de trabalho.*]

N começa a desenhar meticulosamente, faz um desenho luminoso e expressa desejos para seu futuro. [*N reconhece e valida a proposta da T.*]

Reflexão da T. Vários ciclos generativos emergem referidos a sua história, seus recursos e, mais tarde, sua vida cotidiana.

Terceira consulta: recuperação de recursos

T: Como apareceu o mangá na sua vida? [*Pede a ele que trace sua vida a partir de um eixo diferente.*]

N: (Sorri) Na verdade, aos 7 anos, ao ver meu irmão desenhando uma caricatura mangá, gostei. No início, ele me guiava, depois eu fazia sozinho e, desde então, me prometi nunca deixar de desenhar e assim tem sido até então (ergue o peito e parece sentir-se orgulhoso). [*Responde validando e expandindo. A arte mangá tem sido um recurso no decorrer da sua vida. Surge um registro diferente de si mesmo.*]

Reflexões da T

Este diálogo sobre seu passado permitiu incluir uma multiplicidade contextual e temporal de recursos pessoais vinculados à arte, a seu passado e seu futuro no presente, dado que a arte mangá tem estado sempre presente em sua vida e é algo no qual se projeta. Quer dizer, é tanto uma ferramenta generativa de mudança, de possibilidades, quando um mecanismo de sustentar seu futuro. Estes foram momentos e circuitos generativos que contribuíram para a plataforma de trabalho.

Veremos como se desenvolve o processo generativo no qual N se torna proativo e produtivo. Novos nós possibilitadores e ciclos generativos aparecem e expandem a plataforma de trabalho, criando possibilidades tais como a busca de trabalho, iniciativas vinculadas com a arte, novas relações e cessam seus momentos de choro sobre seu trabalho e o incidente com a garota de anos atrás e inclui um processo autoreflexivo em que vai reconhecendo suas transformações. Criando assim um caminho de recursos e inovações para sua vida.

Quarta consulta: exploração proativa

T: Oi N, conte-me como está indo esta semana.

N: Bem, na verdade, fiquei pensando desde a sessão passada. [*Retoma temas do encontro prévio que são significativos para si e sustenta seu vínculo com a terapeuta.*]

T: Verdade (sorrindo), e então, o que pensou? [*A T o convida a compartilhar suas reflexões e experiências.*]

N: Pois é, apesar dela estar presente em meu pensamento, já não a deixei tomar todos esses atributos, não coloquei a música que me deixa triste, não fiz nada para reforçar na minha cabeça e senti que ela não me machucou tanto como antes. [*Começa a atuar proativa e produtivamente. Momento e circuitos generativos em relação a si mesmo e a diversos contextos em relação com a garota. No processo, manterá ativa esta exploração.*]

Reflexão da T. Com respeito a mim, com efeito, houve uma abertura de postura relacional, emocional, atitudinal e cognitiva; senti desde o momento mesmo em que iniciei a consulta, pois já sentia “luzes” que me iluminava pelo que foi conversado no Diplomado, aliviei o peso de querer solucionar e, por outro lado, já tinha um diálogo em curso, um processo generativo em marcha, dentro do meu mapa conceitual um cliente com mais possibilidades e minha própria plataforma de trabalho como terapeuta. [Refere a uma transformação de seus recursos, possibilidades e a perspectiva de si mesma.]

Quinta consulta: revelação

T: (N não menciona a garota) Tenho uma pergunta: o que aconteceu que hoje, durante toda a consulta você não falou sobre a garota? E mais, acredito que se não tivesse perguntado, você não o teria feito. [A T monitora o processo explorando a dinâmica entre o que estava dado e o emergente.]

N: (Sorri orgulhoso, os olhos brilham.) Não a trouxe para a consulta, na verdade não me pareceu importante, como estou trabalhando em várias coisas, buscando trabalho, e voltei a alimentar meu canal de YouTube onde tenho uma série animada. Às vezes essa garota vem na minha mente, mas já não é mais tão importante. [No marco da plataforma de trabalho gerada, a sessão esteve orientada às possibilidades e recursos de N. Diversos nós possibilitadores e transformativos foram estabelecidos, integrando-se em uma nova matriz generativa que expande seus recursos, enriquece suas possibilidades, sua versão de si mesmo, suas emoções e contextos de vida.]

Reflexão da T. N falou muito da sua arte, de suas mudanças, de como está passando horas de vida buscando trabalho e como está se preparando para um encontro mangá na capital para mostrar e promover sua arte. Está mais animado e entusiasmado com relação a seu presente e suas possibilidades futuras, reconhecendo-as com orgulho e apreço. É visível a exploração ativa e construção de um futuro com as mudanças atuais em sua vida, tanto como com as transformações emocionais expressadas, vinculadas a suas novas realidades.

Sexta consulta: continua a exploração proativa de recursos e possibilidades

N segue fazendo relatos mais generativos, sempre narrando-se a partir de suas capacidades e quando falou da garota o fez para dizer:

N: Bom tenho que confessar que fiz algo e não sei se confundi, como um *flashback*, bem, não sei.

T: Ok (me sorriu), o que aconteceu? Me conte?

N: (Sorri) O que aconteceu é que me disse, não tenho porque cada vez que escuto a música que tocava no dia em que conheci a garota, deprimir-me, ficar mal, bom, você sabe que **eu antes não fazia de propósito, mas me disse: Não mais! E a coloquei, mas fiz coisas bacanas**, desenhei; na verdade não pensei nela, foi estranho, mas não me veio

à cabeça. O mal foi que sonhei com ela (abaixa o olhar como que com pena). [*N explora e mede seus recursos.*]

T: Ah, sim, que interessante! Se sentiu bem? Me alegra muito. O que sonhou?

N: Bem, sonhei que estávamos na praia, eu estava caminhando e a encontrava e só.

T: E quando sonhava com ela antes, que sonhava?

N: Antes sonhava como se fosse um encontro. Nestas ocasiões éramos como namorados, mas neste último sonho não foi assim, como é a realidade: posso encontrá-la (sorri e me olha esperando uma resposta, como um diagnóstico).

T: E isso, que te diz? [*A pergunta remete à aprendizagem emergente e reflexiva.*]

N: Que já não me afeta, que é uma realidade, que a posso encontrar e até pode estar acompanhada, falar comigo ou não, é o normal. [*Há uma transformação de si mesmo, suas relações e seus contextos que se expressam até em sonhos.*]

Sétima consulta: geração de novos conhecimentos e aprendizagens

T: Vejamos, antes você falava que não conseguia tirar a garota da cabeça e na última sessão você não a trouxe, ou seja, ela não apareceu na sua cabeça. **Se fossem diferentes volumes ou capítulos do livro de sua vida, como você o chamaria, que título lhe daria?** [*A T faz uma marcação histórica transformadora que distingue um self, relacionamentos e contextos que foram emergentes e foram estabelecidos em novas formas de vida.*]

N: Quando cheguei à primeira consulta, colocaria "**Congelamento**", seria o primeiro capítulo. Ao segundo capítulo da minha história, nomearia "**Mudança**", porque assim que fui sentindo, já não me deprimos tanto, não choro, estou recuperando o tempo perdido e atuando para fazer muitas mudanças na minha vida, pois me sinto melhor, mas quero avançar mais.

Ele então disse que ligou para a Embaixada do Japão e contou sobre seu interesse em realizar um evento de mangá na capital. Os funcionários ficaram muito interessados e disseram-lhe para apresentar uma proposta, na qual está trabalhando. [*Novos recursos e possibilidades se incluem em uma reflexão e narração sobre suas novas aprendizagens e transformações: as transformações são parte de uma percepção das mudanças em sua vida.*]

Reflexões da T

Algo diferente emergiu em mim e no N na segunda sessão. Algo que me refiro como uma *força geradora e uma explosão de recursos*. N chegou à consulta com seu nó problemático e eu tinha meu próprio nó problemático com respeito ao caso. Eu não

podia ver se N tinha recursos ou se eu tinha recursos para ajuda-lo. Para mim, a explosão de recursos surgiu quando recebi *feedback* de meus colegas e comecei a relacionar-me com N a partir da perspectiva de seus recursos, da possibilidade de contar sua história através da arte mangá, uma ferramenta que permitiu que ele fluísse. Ambos experimentamos uma explosão de recursos que gerou mudanças. Por outro lado, quando o nó problemático se conectou com possibilidades e um futuro possível, surgiu uma ponte geradora. No contexto de uma plataforma de trabalho e nós possibilitadores, N podia regressar às experiências problemáticas passadas e nós problemáticos e conectar-se com elas deste outro lugar, recuperando-as. Também podia conectar-se com experiências passadas e um futuro viável desde outra perspectiva, ser proativo e inovar em sua vida.

Seguimento posterior: generatividade fortalecida

A terapeuta refere que tiveram cinco consultas posteriores. N manteve contato com a embaixada do Japão, mas não realizaram o evento por questões de financiamento. Graças a este contato, **se apresentou duas vezes em uma prestigiosa exposição**, um grande evento em que se vendem quadrinhos e arte mangá. **N tem vendido parte de sua arte**, se tem feito conhecer neste mundo muito mais confiante em si mesmo e em suas capacidades. O tema da garota que dizia que o obsediava já não estava mais em seu panorama, de fato, tem uma namorada com quem está há dois meses e está muito entusiasmado, enfrentando novos dilemas a respeito.

São notórias em N sua transformação que se evidencia em sua postura muito mais confiante, mais entusiasmado e sua narrativa orientada para as possibilidades. Tem sido criativo na solução de suas dificuldades e na busca de oportunidades, por exemplo, **criou um grupo que preside na internet cujo objetivo é a arte mangá**. Atua como caça talentos para desenvolver o evento com a embaixada do Japão; tem obtido uma resposta positiva por parte das pessoas a quem tem contatado, quer dizer, agora se posiciona como líder. Outra iniciativa é produzir arte mangá para restaurantes japoneses. Ganha dinheiro, ainda que não o suficiente para sustentar-se. Ampliou sua vida social, tem novas relações, iniciativas, recursos e uma visão de si mesmo transformada.

Ainda que todo o processo incorpora uma pragmática reflexiva, colocar em ação as novas possibilidades muda radicalmente o motivo da consulta, materializa novas formas de vida e completa o ciclo generativo.

Reflexão da terapeuta

Pessoalmente, esta experiência também me transformou; tal como N passei do congelamento à generatividade, consegui me repensar através da contribuição do grupo do Diplomado, o qual me levou de maneira curiosa a investigar como foi que despertaram minhas emoções, compreensões e meu desejo de mudança. Também me pergunto, o que eu teria que fazer de diferente para me repensar e repensar os recursos emergentes no contexto da terapia. Quer dizer, a matriz generativa me atravessou, não

só olhando os nós problemáticos de este caso particular, mas também dos meus próprios, assim como meus recursos.

Um ano depois N tem um trabalho formal em uma companhia de desenho, desenvolve um empreendimento próprio vinculado à arte mangá.

Profissionais e clientes

Como afirmamos, o processo generativo é único e gera uma investigação prospectiva dos recursos e possibilidades para a singularidade de cada processo. É uma investigação conjunta, entre profissionais e clientes, dos recursos e das possibilidades que ocorrem no diálogo (Fried Schnitman, 2020b).

Profissionais e clientes são agentes ativos na geração conjunta de significados e possibilidades inovadoras que emergem no diálogo. Para o profissional esta posição implica incluir sua participação ativa no campo relacional, desenvolver uma prática fundamentada na criatividade, na investigação generativa e na colaboração. Também sustentar um olhar pragmático centrado nas ações inovadoras que são colocadas em prática pelos clientes e as possibilidades que estas lhes oferecem. Esta perspectiva pragmática requer que os profissionais não só reconheçam os momentos emergentes e generativos, a criação de nós possibilitadores e transformativos, como também as ações que dão sentido ao curso do processo e as transformações efetivas nas formas de vida dos clientes e de si próprio.

Profissionais e clientes trabalham como **membros de uma equipe colaborativa e criativa**, que constrói o processo e aprende reflexivamente a partir de suas próprias interações e resultados. **É uma aprendizagem emergente. Constituem um espaço de trabalho** no qual exploram possibilidades e **investigam** as alternativas disponíveis e os novos recursos que surgem.

Quando se faz necessário, podem ser incluídas no processo outras pessoas significativas e outros profissionais. Juntos trabalham como uma **comunidade** capaz de desenvolver e criar possibilidades.

O processo **se cria** no processo.

Referências bibliográficas

Bakhtin, M.M. (1981). *The dialogic imagination: Four essays by M.M. Bakhtin* (M. Holquist, Ed.; C. Emerson & M. Holquist, Trans.). Austin, TX: University of Texas Press.

Bakhtin, M. M. (1986). *Speech Genres and Other Late Essays* (C. Emerson & M. Holquist, Eds.; V. W. McGee, Trans.). Austin, TX: University of Texas Press.

Bateson, G. (1972). *Steps to an Ecology of Mind*. New York: Ballantine,

- Bateson, G. (1979). *Mind and Nature*. Toronto: Bantam Books.
- Bateson, G. (1991). *Sacred Unity. Further steps to an ecology of mind* [Edited by Rodney, E Donaldson]. New York: Cornelia and Michael Bessie Book. An imprint of Harper Collins Publishers.
- Foerster, H. von. (1984) *Observing Systems*. USA: Intersystems Publications.
- Foerster, H, von. (1996). Visão e conhecimento: disfunções de segunda orden. En D. Fried Schnitman (Comp.), *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade* (59-74). Porto Alegre: Artes Médicas. ISBN 85-7307-167-2. Chagrin Falls, Ohio: Taos Institute Publications/WorldShare Books, 2014. ISBN: 978-1-938552-28-1.
- Fried-Schnitman, D. (Comp.) (1996), *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas. ISBN 85-7307-167-2. Chagrin Falls, Ohio: Taos Institute Publications/WorldShare Books, 2014. ISBN: 978-1-938552-28-1.
- Fried-Schnitman, D. (1998). Navigating in a circle of dialogues. *Human Systems: The Journal of Systemic Consultation & Management*, 9(1), 21–32.
- Fried-Schnitman, D. (2002a). Metaphors of systemic change. In D. Fried Schnitman and J. Schnitman (Eds.). *New Paradigms, Culture and Subjectivity* (287-296). Cresskill, NJ: Hampton Press. ISBN 1-57273-261-X; ISBN 1-57273-262-8. Chagrin Falls, Ohio: Taos Institute Publications/WorldShare Books, 2014. ISBN 978-1-938552-25-0.
- Fried-Schnitman, D. (2002b). New paradigms, new practices. In D. Fried Schnitman and J. Schnitman (Eds.). *New Paradigms, Culture and Subjectivity* (345-354). Cresskill, NJ: Hampton Press. ISBN 1-57273-261-X; ISBN 1-57273-262-8. Chagrin Falls, Ohio: Taos Institute Publications/WorldShare Books, 2014. ISBN 978-1-938552-25-0.
- Fried-Schnitman, D. (2008). Generative inquiry in therapy: from problems to creativity. In T. Sungiman, K.J. Gergen, W. Wagner and Y. Yamada (Eds.). *Meaning in Action. Constructions, Narratives and Representations* (73-95). Japan: Springer. ISBN 978-4-431-74679-9.
- Fried-Schnitman, D. (2010a). Perspectiva generativa en la gestión de conflictos sociales [The generative perspective in the management of social conflicts]. *Revista de Estudios Sociales*, 36, 51–63.
- Fried-Schnitman, D. (2010b). Procesos generativos en el diálogo: complejidad, emergencia y auto-organización. *Revista Pensando la Complejidad*, VIII, enero-junio. *Plumilla Educativa* (7), 2012, 61-73.
- Fried-Schnitman, D. (2011). Processo generativo e práticas dialógicas. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 20 (41), 9-34.

- Fried-Schnitman, D. (2013). Prácticas dialógicas generativas en el trabajo con familias. *Revista Latinoamericana de Estudios de Familia*, (5), 127-159.
- Fried-Schnitman, D. (2015). Proceso generativo y prácticas dialógicas [*The generative process and dialogical practices*]. In D. Fried Schnitman (Ed.), *Diálogos para la transformación: Experiencias en terapia y otras intervenciones psicosociales en Iberoamérica – Volumen 1* (pp. 53–81). Chagrin Falls, OH: Taos Institute/WorldShareBooks. ISBN: 978-1-938552-45-8.
- Fried-Schnitman, D. (2016). Perspectiva e práctica generativa [*The generative perspective and practice*]. *Nova Perspectiva Sistémica*, 25 (56), 55–75.
- Fried-Schnitman, D. (2017). Afrontamiento generativo como formador de futuros. In D. Fried Schnitman (Ed.), *Diálogos para la transformación: desarrollo de proyectos e investigación generativa orientados a la construcción de futuros en Iberoamérica – Volumen 3* (17-42). Chagrin Falls, Ohio: Taos Institute Publications/WorlShare Books. ISBN: 978-1-938552-62-5.
- Fried-Schnitman, D. (2020a). From generative moments to reflexive pragmatics and its application in transformative dialogues. In A. Arnold, K. Bodiford, P. Brett-MacLean, D. Dole, A.M. Estrada, F. Lyon Dugin, B. Milne, W.E. Raboin, P. Torres-Davila y C.F. Villar-Guhl (Eds.). *Social Construction in Action. Contributions from the Taos Institute's 25th Anniversary Conference* (126-134). Chagrin Falls, Ohio: Taos Institute Publications. A Division of the Taos Institute. ISBN: 978-1-938552-74-8.
- Fried-Schnitman, D. (2020b). Generative dialogues: Creating resources and possibilities in therapy In S. McNamee, M. Gergen, C. Camargo Borges, & E. Rasera (Eds.). *The Sage Handbook of Social Constructionist Practice*. London: Sage Publications.
- Fried-Schnitman, D. (2021). Mindfulness and the generative perspective: A dialogue/virtuous circle. En R. Aristegui, J. García Campayo & P. Barriga (Eds.) *Relational Mindfulness – Fundamentals and Applications*. Cham: Springer Nature Switzerland AG.
- Fried-Schnitman, D. & Schnitman, J. (2000a). La resolución alternativa de conflictos: Un enfoque generativo. In D. Fried Schnitman (Ed.), *Nuevos paradigmas en la resolución de conflictos: Perspectivas y practices* (133–158). Buenos Aires, Argentina: Granica. ISBN 950-641-302-9.
- Gergen, K.J. (1994). *Realities and Relationships: Soundings in Social Construction*. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press.
- Gergen, K. J. (2009). *Relational being: Beyond self and community*. New York, NY: Oxford University Press.
- Gergen, K.J. (2002). Foreword. En *New Paradigms, Culture and Subjectivity* (xi-xv). Cresskill, NJ: Hampton Press. ISBN 1-57273-261-X; ISBN 1-57273-262-8.

Chagrin Falls, Ohio: Taos Institute Publications/WorldShare Books, 2014. ISBN 978-1-938552-25-0.

Guattari, F. (1996a). *Caosmosis*. Buenos Aires: Editorial Manantial.

Guattari, F. (1996b). O novo paradigma estético. En D. Fried Schnitman (Comp.), *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade* (121-132). Porto Alegre: Artes Médicas. ISBN 85-7307-167-2. Chagrin Falls, Ohio: Taos Institute Publications/WorldShare Books, 2014. ISBN: 978-1-938552-28-1.

McNamee, S. (2015a). Practitioners as people: Dialogic encounters for transformation. *Metálogos*, 28, 1–25.

McNamee S. (2015b). Radical presence: Alternatives to the therapeutic state. *European Journal of Psychotherapy & Counseling*, 17 (4), 373–383.

McNamee, S., & Gergen, K. J. (1998). *Relational responsibility: Resources for sustainable dialogue*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Morales, E. (2020). Mindfulness as a generative resource in transformative and compassionate healthcare. In S. McNamee, M. Gergen, C. Camargo Borges, & E. Rasera (Eds.). *The Sage Handbook of Social Constructionist Practice*. London: Sage Publications.

Morales, E., Torres, P., Solís, S., & Ayala, Z. (2015). Diálogo, performatividad y generatividad en la psicoterapia [*Dialogue, performativity and generativity in psychotherapy*]. In D. Fried Schnitman (Ed.), *Diálogos para la transformación: experiencias en terapia y otras intervenciones psicosociales en Iberoamérica – Volumen 1* (pp. 85–104). Chagrin Falls, OH: Taos Institute/WorldShare Books. ISBN: 978-1-938552-45-8.

Morin, E. (1996). Epistemologia da complexidade. En D. Fried Schnitman (Comp.), *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade* (274-286). Porto Alegre: Artes Médicas. ISBN 85-7307-167-2. Chagrin Falls, Ohio: Taos Institute Publications/WorldShare Books, 2014. ISBN: 978-1-938552-28-1.

Morson, G. S., & Emerson, C. (1990). *Mikhail Bakhtin: Creation of a prosaics*. Stanford, CA: Stanford University Press.

Nhat-Hanh, T. (2020). *Interbeing: The 14 Mindfulness Trainings of Engaged Buddhism*. Parallax.

Prigogine, I. (1996). O fim da ciencia? En D. Fried Schnitman (Comp.), *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade* (25-40). Porto Alegre: Artes Médicas. ISBN 85-7307-167-2. Chagrin Falls, Ohio: Taos Institute Publications/WorldShare Books, 2014. ISBN: 978-1-938552-28-1.

Prigogine, I. & Stengers, I. (1984) *Order Out of Chaos: Man's New Dialogue with Nature*. New York: Bantam.

Shotter, J. (1993), *Conversational Realities*. London: Sage.

